

Uma conversa de livreria em torno da revista Mortal

Posted on 25 de março de 2014 by Dalila

Numa clara manhã de sábado pós-Carnaval, na Livreria Alpharrabio, na pauta de um grupo de curiosos e resistentes



a Revista Mortal, por seus editores, Jairo Costa e Izabel Bueno



Questionado, Jairo inicia dizendo que o título da revista é uma brincadeira do “movimento dos reles mortais” em relação aos “imortais” de fardões.



A partir daí a conversa enveredou exatamente pelas trilhas editoriais da revista, editada em Santo André, mas que fala do ABC e dialoga

com o mundo, ainda que a queixa do editor seja inevitável: “eu não consigo sair de Santo André, não há espaços. Não somos nada disso que se convencionou chamar de “região”, “grande ABC” porque não estamos conectados. Há uma total falta de trocas e a ideia é entrar em ambientes onde a gente não entra, criar algo em torno da agitação, reunir pessoas, fazer com que coisas aconteçam, estimular, inclusive, que gente que nunca publicou nada, mas tem conteúdo publique, como está publicando, na revista.”

Ainda que diante das dificuldades de toda ordem que, por vezes, parecem incontornáveis, Jairo e Izabel não esmorecem e perseguem em sua crença na “força do papel” e da palavra impressa. Já com a tiragem do número 01 praticamente esgotada, a ideia, diz Jairo, é lançar mais 2 números da revista ainda neste ano, trilhando a mobilização da mídia livre, não ter medo de abordar qualquer assunto, textos que saiam do lugar comum.

É assim que assuntos aparentemente tão díspares entre si, como Bandas de rock, punk, anarquismo, política, artes visuais, manifestações de rua recentes, black blocks, literatura, quadrinhos, fotonovela, HQ e memória ocupam as páginas da Mortal. Dentre eles, chamou atenção dos participantes da roda de conversa a matéria sobre Constantino Castellani, operário e líder rebelde anarquista, assassinado pela polícia durante uma manifestação grevista em 1919, na rua Cel. Oliveira Lima, no mesmo local do “assassinato” da escultura Concreção 0005, de Luiz Sacilotto. Jairo pesquisou o assunto nos arquivos do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, com cerca de 600.000 documentos e 50.000 fotos, a maioria sem data nem identificação, que seguem “guardados” em caixas de papelão de supermercado.

Foi lembrado que foi esse mesmo sindicato que “ofereceu à cidade” um monumento que, pelo que saiu na imprensa, custou 300 mil reais, mas que não foi capaz de investir na preservação do seu importantíssimo acervo.

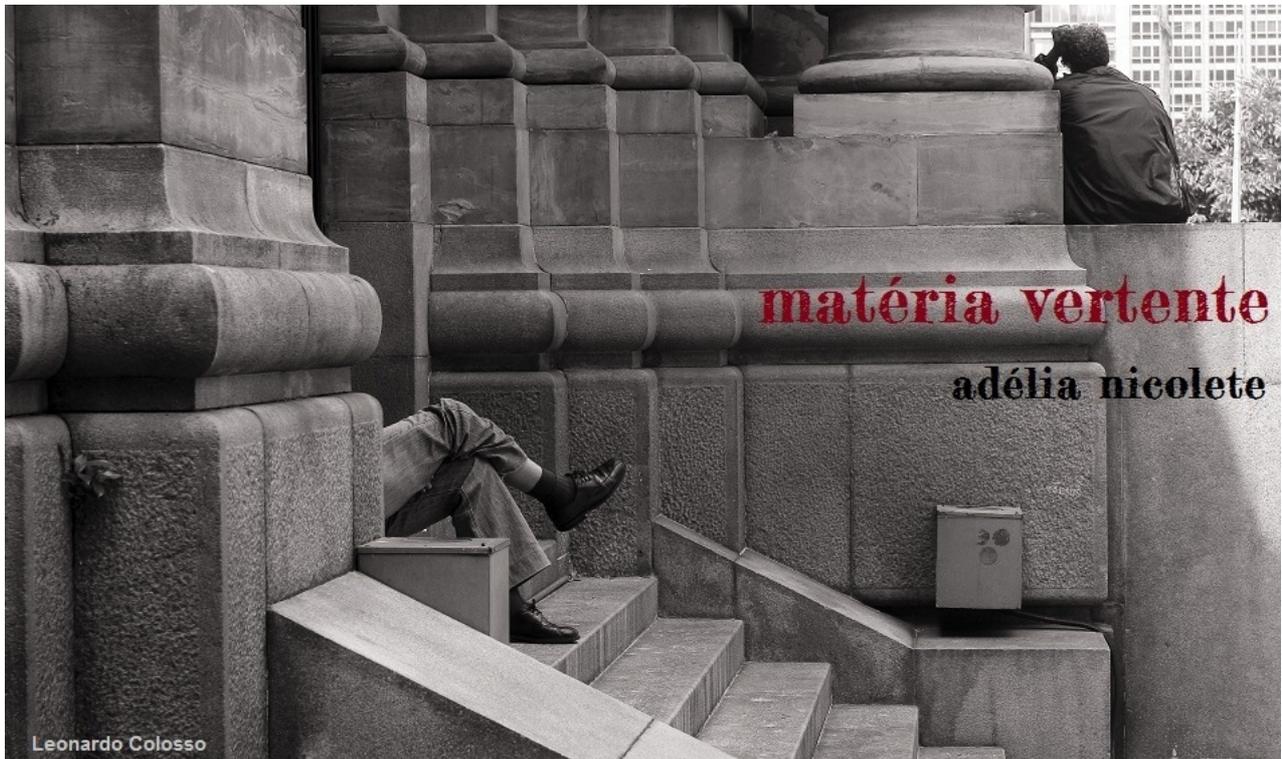
Ainda que o papel de uma revista não seja exatamente o de apontar soluções para casos como este, tem o mérito de despertar discussões e incitar ações que é o que parece acontecer com esta feliz iniciativa que, torcemos, tenha vida longa e desdobramentos. (dtv)

**About Dalila**

Dalila Teles Veras, escritora, proprietária da Alpharrabio Livraria e Editora

[View all posts by Dalila →](#)

This entry was posted in [Sem categoria](#). Bookmark the [permalink](#).



matéria vertente

Repositório de artigos, críticas, pesquisas, traduções e trabalhos de minha autoria sobre dramaturgia e arte contemporânea em geral

Mestre e Doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP, dramaturga, escritora, professora

Adélia Nicolete

Visualizar meu perfil completo

segunda-feira, 18 de maio de 2015

Ateliê de Memórias - FAINC - 2015

Encerramos no dia 14 de maio mais um Ateliê de Memórias, desta vez na FAINC (Faculdades Integradas Coração de Jesus) de Santo André. Foram 12 encontros, iniciados em fevereiro, onde pudemos trabalhar diversos gêneros discursivos a partir da memória de si e do outro. Para tanto, foram utilizados estímulos sensoriais, objetos, arquiteturas, fotografias, entrevistas, atividades plásticas e leituras.



Café com leite, pão com manteiga
Estímulo sensorial de Cláudia Jordão para texto sobre a infância
(Foto: internet)



Casa em que Izabel Bueno passou a infância
Estímulo para a escrita a partir de uma arquitetura
(Foto: internet)

Arquivo do blog

- ▶ 2020 (2)
- ▶ 2019 (10)
- ▶ 2018 (15)
- ▶ 2017 (19)
- ▶ 2016 (16)
- ▼ 2015 (14)
 - ▶ Dezembro (1)
 - ▶ Novembro (1)
 - ▶ Outubro (2)
 - ▶ Setembro (2)
 - ▶ Agosto (3)
 - ▶ Julho (2)
 - ▼ Maio (2)
 - Ateliê de Memórias - FAINC - 2015
 - "perdidos-achados-escritos" - Exposição na Livrari...
 - ▶ Janeiro (1)
- ▶ 2014 (30)

Páginas de interesse

- Cena contemporânea
- Horizonte da Cena
- Janela dos Dias
- Ponto Corrente
- Questão de Crítica
- Satisfeita, Yolanda?
- Teatro Jornal

Todos os textos produzidos foram lidos e analisados em conjunto para, em seguida, serem reescritos por seus autores, como é praxe nos Ateliês de Escrita. Ao final, tivemos aproximadamente cinquenta registros em forma de poesia, relato, descrição, carta, entre outros.



Trabalhos de recorte e colagem de Vanessa Castro a partir do estímulo "pessoa memorável"
(Foto: Elaine Bombicini)

Os escrevedores tiveram a oportunidade de elaborar um projeto memorialístico pessoal, de modo que algumas propostas em sala foram especialmente direcionadas para eles, mas usufruídas por toda a turma.



Objetos em desuso como estímulo à escrita de Lu Moraes Costa
(Foto: Elaine Bombicini)



Elaine Bombicini e amigo no Panteón Del Carmem - Monterrey - México
Escrita a partir de fotos de viagem

Ao final, cada participante sorteou um colega para trabalhar a edição de um ou mais de seus textos sob a forma de material literário. Dentre as resultantes, foram criados livros impressos, livros-álbum, audiolivro, livro objeto – todos carregados igualmente da memória de quem os elaborou. Até eu fui surpreendida com um, feito a quase vinte mãos!

Além da vivência editorial, o objetivo da proposta é que, a partir dessa experiência, cada um possa editar os seus próprios textos e projetos.



Livro-cubo mágico criado por André di Peroli para textos de Denise Perini (Foto: Denise Perini)



Livro-objeto criado por Tátilla Colin para os textos de Isabel Bueno (Foto: Elaine Bombicini)



Livro-álbum de Denise Perini para textos de Claudia Jordão (Foto: Elaine Bombicini)

A todos o meu muito obrigada por mais esse Encontro criativo. Boas escritas, meus queridos!



Eu e meu livro surpresa, com depoimentos dos participantes! (Foto: Elaine Bombicini)

Adélia Nicolete

Postado por Adélia Nicolete às 19:04 4 comentários:

Marcadores: Ateliê, Memória

sábado, 9 de maio de 2015

"perdidos-achados-escritos" - Exposição na Livraria Alpharrabio



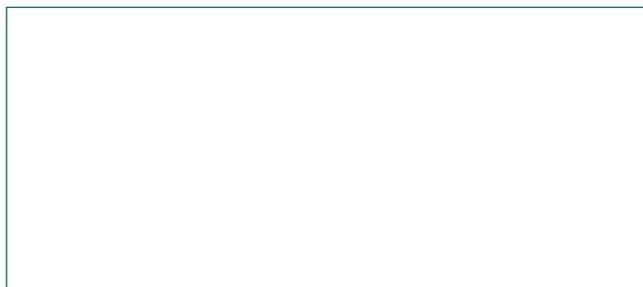
Arte de Luzia Maninha utilizando materiais encontrados dentro de livros

Quem ama os livros e faz deles companheiros sabe que são bem mais que um ajuntamento de folhas impressas. Diversão, ensinamento, desafio, válvula de escape, oráculo, tudo isso um livro pode ser. E quando falamos do objeto livro outras funções se agregam e ele pode virar carteira, pasta, arquivo, cofre, esconderijo. No momento em que o livro deixa de ser o seu conteúdo e passa a ser um continente, quase tudo nele cabe. Há livros em que nós mesmos nos guardamos!

Imaginem agora um sebo. Muitos e muitos livros que, além das palavras e imagens neles inscritas, guardam um pouco da história de seus leitores e companheiros. Não é de se espantar, quando se abre um deles ao acaso, a chuva de pequenos itens que ali fizeram morada. Tanto tempo guardados entre as páginas, que aprenderam a ser livro também e é assim que eles se reconhecem.

Um livreiro que se preze divisa em cada objeto encontrado o fragmento de uma vida, ali deixado e, por uma série de motivos, esquecido. Por que não criar para cada um deles pequenos textos e estabelecer um diálogo criativo com novos leitores? Por que não dar a eles um destino de livro, verdadeiro, impresso para que possam guardar, talvez, novos itens e novos fragmentos de vida?

Foi esse justamente o mote da exposição **"perdidos-achados-escritos"**, idealizada por mim em comemoração aos 23 anos da Livraria Alpharrabio de Santo André e que contou com a minha curadoria juntamente com Dalila Teles Veras e Luzia Maninha.





Adélia Nicolete, Luzia Maninha e Luís Alberto de Abreu, um dos autores participantes
(Foto: Wilson Rodrigues)

No dia 21 de fevereiro de 2015 inauguramos a exposição **perdidos-achados-escritos**, em comemoração aos 23 anos da Livraria Alpharrabio de Santo André.



Parte dos livros artesanais em exposição
(Foto: Luzia Maninha)

O evento foi a culminância de um processo iniciado em outubro de 2014 e que teve como curadoras Dalila Teles Veras, Luzia Maninha e eu. A inspiração para o projeto surgiu dos materiais encontrados dentro dos livros (o Alpharrabio é também um sebo) e colecionados por Dalila ao longo dos anos. Uma primeira mostra desses materiais fora realizada há exatos 20 anos, organizada pelo poeta Zhô Bertolini. Para a nova versão, imaginamos acrescentar à iconografia textos literários, mais especificamente microtextos.



com Zhô Bertolini, em frente ao "lambe-lambe" com reproduções de textos da exposição
(Foto: Luzia Maninha)

Em outubro de 2014 criamos um blog e o alimentamos com uma seleção de 50 daqueles objetos. Em seguida, enviamos um e-mail convite a frequentadores do Alpha e público em geral para que escolhessem até três imagens e nos enviassem um microtexto para cada uma delas. A partir dessas mais de cem criações, a *designer* Luzia Maninha elaborou um livro artesanal em que o material perdido tornou-se a capa e o propósito do texto.



Roberta Marcolin Garcia e Geancarlla Ranulfo junto à pequena Diana exibem os livros em que figuram suas escritas
(Foto: Luzia Maninha)

Paralelamente às escritas individuais, em novembro foram promovidos dois Ateliês Relâmpago de Escrita Criativa que coordenei na própria livraria e que tinham como objetivo criar textos a partir de uma dinâmica coletiva.



Ateliê Relâmpago de Escrita (Foto: Luzia Maninha)

Em janeiro de 2015 foi criada uma página no *facebook* para a divulgação paulatina dos escritos, o que atraiu um público ainda maior para a exposição, em cartaz até o final de abril de 2015.



Dalila Teles Veras
(Foto: Wilson Rodrigues)

Adélia Nicolete

Para conhecer o blog do projeto, acessar:

<http://perdidosachadosescritos.blogspot.com.br/>

Para conhecer a página do *facebook*:

<https://www.facebook.com/PerdidosAchadosEscritos?fref=ts>

- Adela Medina
- Alba Méndez
- Alfonso Tizabi
- Agustín Zúñiga
- Antonio Pascualina Sanguino
- Bárbara de Arment
- Celia Silva
- Carla Lara
- Carolina Domínguez
- Carolina Torres
- Carolina Comagay
- Concepción Ruiz
- Concepción Torres
- Dalia Tello Pérez
- Daniel Ruiz
- Diana Domínguez
- Diana Ruiz
- Elaine de Silva Jarama
- Elaine Pardo Rodríguez
- Fabrizio Ruiz Martín
- Fátima Ruiz
- Fernando Pardo
- Guacariela Ramírez
- Guiu Eche
- Guadalupe Arceles
- Guadalupe
- Hugo Barco
- Hugo Ruiz
- Hugo Domínguez
- Irma Lara
- José Armando Domínguez de Silva
- José Domínguez
- Justina Barrios de Silva
- León Pardo
- León de Silva de Arment
- Laura Medina
- Marta Ruiz
- Marta Isabel Domínguez Domínguez
- Marta Susana Ruiz
- Margarita La Rosa
- Marta S. Espinoza
- Marta Torres
- Roberto Martínez García
- Rosario Domínguez
- Silvia del Valle
- Sandra Medina
- Sergio Ruiz
- Sofía de Medina
- Tara de Silva
- Tatiana Domínguez
- Valentina Tello Pérez
- Vivian Torres
- Zulema Domínguez

Exposición "Bicentenario de Chile" en el Museo de Historia Natural de Valparaíso, Chile, 2010.

Exposición "Bicentenario de Chile" en el Museo de Historia Natural de Valparaíso, Chile, 2010.

Exposición "Bicentenario de Chile" en el Museo de Historia Natural de Valparaíso, Chile, 2010.

Exposición "Bicentenario de Chile" en el Museo de Historia Natural de Valparaíso, Chile, 2010.

perdidos

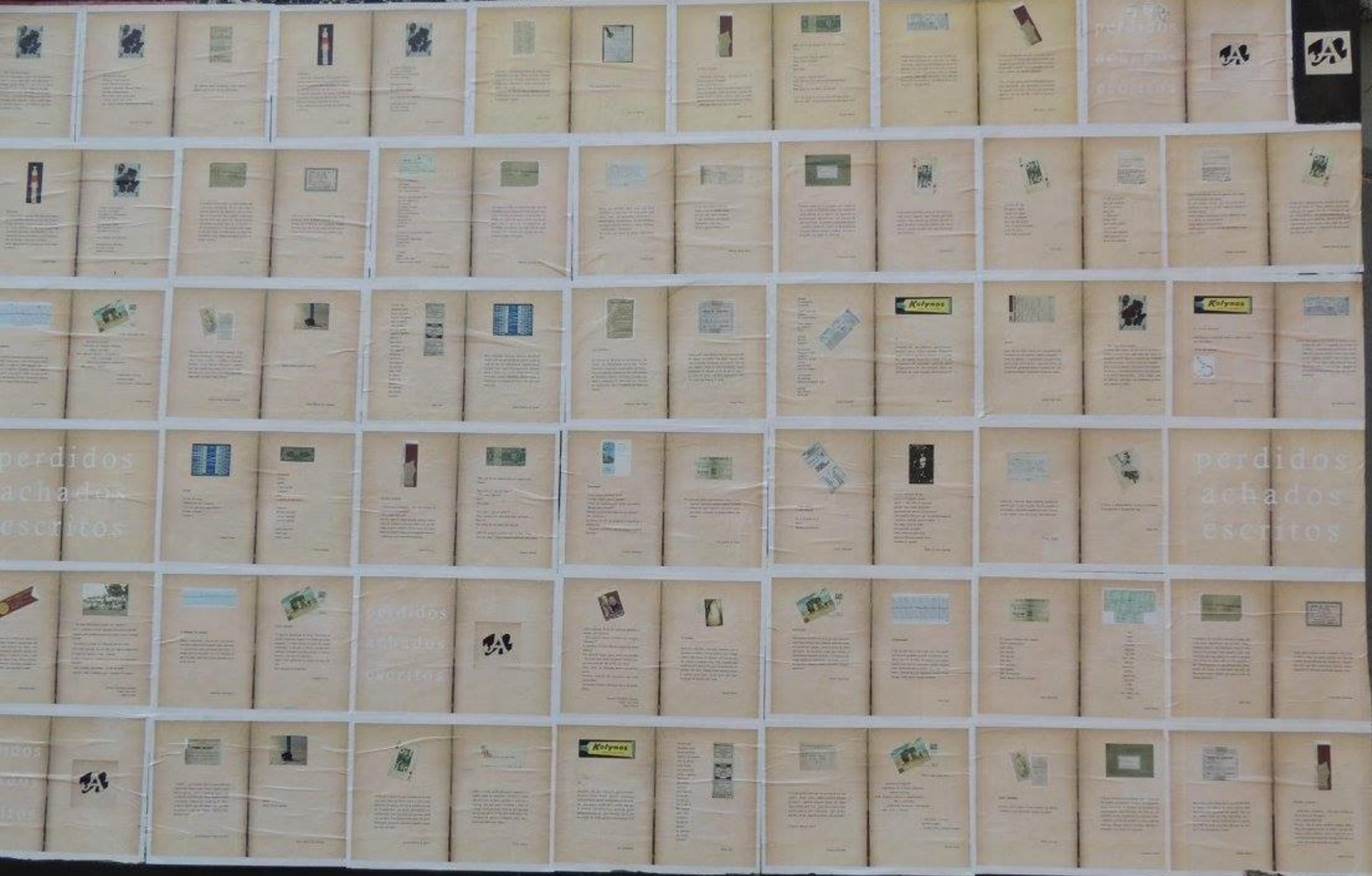


achados

escritos

"Así de inocuo, nota de diez mil pesos, cartón de visita, recorte de jornal, papercitos con garranchos, recibo de farmacia, bula de sonifero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de compuesto de alquibrita, así de todo allí dentro. E incluso, sacado un libro de mi papá e cómo separar un viruso".

Chileo Buarque (O Íbulo Alondó)



perdidos
achados
escritos

perdidos
achados
escritos

perdidos
achados
escritos

"Assa de isapato, nota de dez mil-réis,
cartão de visita, recorte de jornal,
papelzinho com garranchos, recibo de
farmácia, bola de amêijoas, de madeira,
de analgésico, de anti-gripal, de composto
de alcaçofra, há de tudo ali dentro. E
clássico, nasceu um livro do meu pai e como
seguir um clássico".
Chico Puarque (O Livro Alçado)



Alpharrabio 23 anos

21 de fevereiro de 2015 [sábado] 11h

PERDIDOS - ACHADOS - ESCRITOS

"Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelsinho com garranchos, recibo de farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro".

Chico Buarque (O Irmão Alemão)

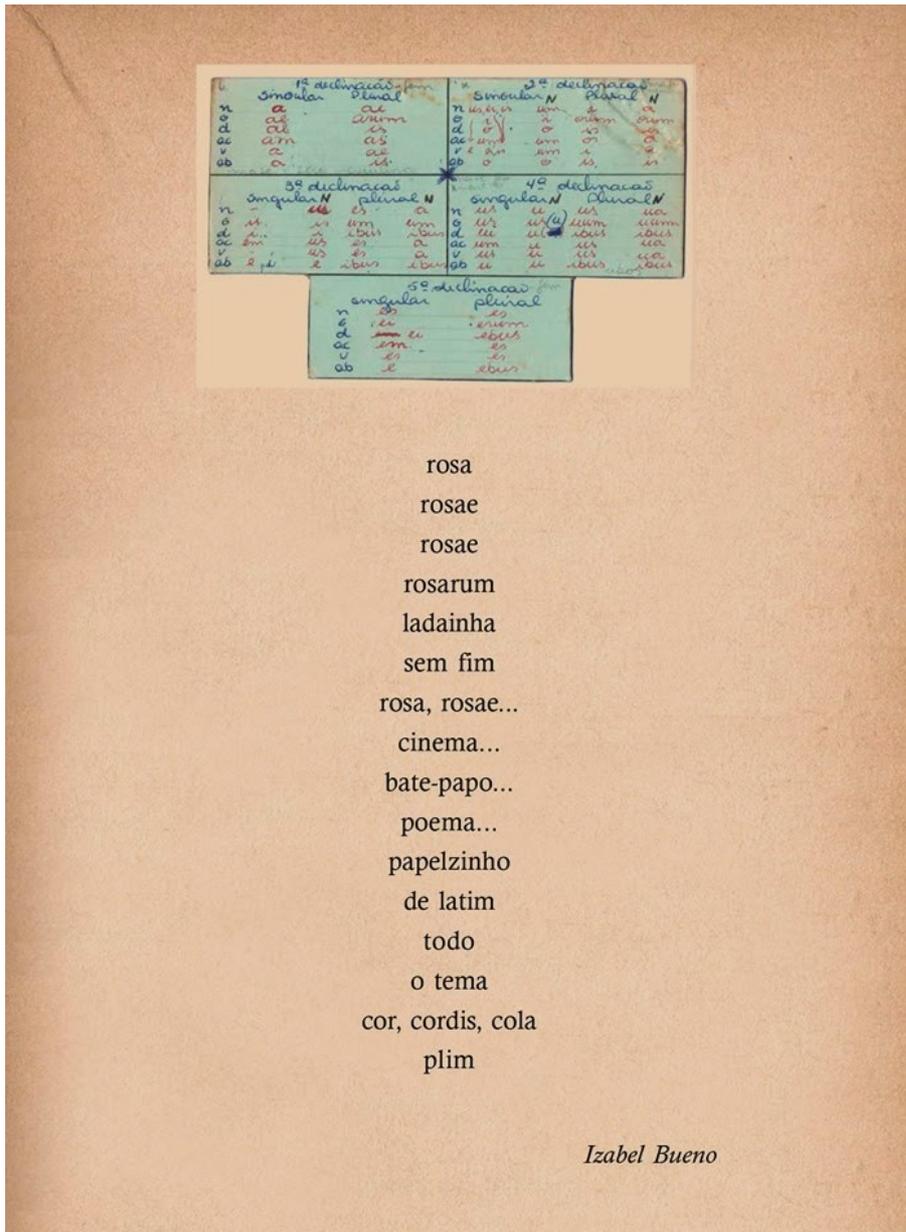
Adália Nicolete
 Alex Moletta
 Alexandre Takara
 Angela Rolim
 Antonio Possidonio Sampaio
 Bárbara do Amaral
 Carla Silva
 Carlos Lotto
 Camila Shunyata
 Carolina Tuma
 Cecília Camargo
 Conceição Bastos
 Constança Lucas
 Dalila Teles Veras
 Daniel Brazil
 Deise Assumpção
 Denise Perini
 Edson da Silva [agreste]
 Elaine Perli Bombicini
 Fábio Sian Martins
 Fátima Roque
 Fernando Ferreira
 Geancarlla Ranulfo
 Goo Koln
 Guadalupe Anechina
 Guedo Gallet

Livraria Alpharrabio
 Rua Eduardo Monteiro, 151
 Santo André/SP - tel.: [11] 4438.4358
www.alpharrabio.com.br

Izabel Bueno
 Hélio Neri
 Isabel Ferreira
 Iyan Leite
 José Armando Pereira da Silva
 Júlio Mendonça
 Jurema Barreto de Souza
 Lenir Viscovini
 Luís Alberto de Abreu
 Luzia Maninha
 Márcia Borges
 Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio
 Marcos Soares Horta
 Margarita Lo Russo
 Marina S. Lupinetti
 Marina Toscano
 Roberta Marcolin Garcia
 Rosana Crispim
 Silvio José Pedro
 Simone Moletta
 Solange Dias
 Sueli de Moraes
 Tarso de Melo
 Tatiana Fernandes
 Valdecirio Teles Veras
 Vivian Darini
 Zhô Bertholini

16th February 2015

Sem título - Izabel Bueno



[<http://1.bp.blogspot.com/-B5FEGypXiJU/VOJ2joO3ZWI/AAAAAAAAABAE/YCwbHp5x-6s/s1600/cola%2Blatim.jpg>]

Postado há 16th February 2015 por [Adélia Nicolete](#)

0 Adicionar um comentário

NADA POP

LANÇAMENTO DA REVISTA MORTAL NÚMERO #5 SERÁ NESTE SÁBADO

8 de junho de 2017 [Agenda](#), [Notícias](#) [Nenhum comentário](#) em [Lançamento da Revista Mortal número #5 será neste sábado](#)



Revista Mortal

A quinta edição da [Revista Mortal](#) será lançada no próximo sábado, dia 10 de junho, a partir das 17h, com uma grande festa promovida pela Editora Estranhos Atratores.

A nova edição conta com 160 páginas e traz dezenas de artigos, contos, poemas, fotografias e ilustrações, compondo um panorama atualíssimo do que está sendo produzido na área de cultura, arte e ação política no Brasil.

A novíssima Mortal traz matérias assinadas por: Comitê Invisível, Ademir Assunção, Fernanda Gamarano, Ana Mesquita, Mariângela Carvalho, [Izabel Bueno](#), Mateus Novaes, Fábio Muller, Emmanuel Burzum, Marcelo Mendez, Daniel Tomita, Caio Zanuto, Fernanda Toscano, Alvaro Burns, Dalila Teles Veras, Talita Araujo, Lucas Moura, Thaís Nozue, Rauda Graco, Flávio Grão, Cláudio Cox, Eduardo Kaze, Flávio Cruz, Zhô Bertholini, Jezz Pacheco, Jairo Costa, Daniel Camatta, Rodrigo Cesar, André Okuma, Mariana Góis, Diogo Cardoso, Roberto Parizotti, Daniel Melim, Fhoutine Maria, João Pinheiro, Ricardo Lísias, Salomão Ximenes, Suze Piza e Shiko.

A festa de lançamento contará com a apresentação das bandas [Giallos](#) e [Special Cigarettes](#).

SOBRE A MORTAL

Fundada em 2010, a revista **MORTAL** é uma publicação independente, sem fins lucrativos, produzida de forma coletiva, que se propõe a debater arte e cultura nas suas mais diferentes expressões.

Teatro, literatura, música, artes plásticas, poesia, dança, fotografia, cinema e HQ estão em sua pauta.

MORTAL também se destina a promover o debate político, visando ampliar o foco das discussões sobre nossa sociedade.

É um periódico de vanguarda, que habita o mundo das publicações alternativas e conta com grande apoio e entusiasmo de seus leitores.

Uma das principais características da revista é fornecer espaço em suas páginas para produtores culturais e artistas que não encontram em outras publicações lugar para expor suas ideias e trabalhos de forma livre.

Em suas páginas, a revista MORTAL já publicou o trabalho de escritores, ilustradores, hackers, músicos, poetas, fotógrafos, filósofos, cineastas, antropólogos e toda uma gama de pensadores independentes.

A revista MORTAL publica entrevistas, reportagens investigativas, resenhas, contos, perfis e material iconográfico ligado a ilustração, quadrinhos, charges, fotografias etc.



Edições anteriores da Revista Mortal

Sobre a Editora Estranhos Atratores:

Fundada em 2013 por Jairo Costa e [Izabel Bueno](#), a Estranhos Atratores se propõe a publicar obras de cunho alternativo, ligadas à contracultura.

Estão nos planos da editora Estranhos Atratores publicar quadrinhos underground, material político com ênfase em movimentos sociais autonomistas, ficção científica e alternativa, ufologia, material ligado a teorias da conspiração, hacktivismo, criptozoologia e mitologia, dentre inúmeras outras temáticas que desafiam convenções, costumes e preconceitos.

CONTATOS: E-mail: revistamortal@gmail.com | [Facebook](#) | Fone: 94140-8049

SERVIÇO

Lançamento da Revista MORTAL #5.

Quando: 10 de junho, a partir das 17h.

Local: Bar Mortal

Rua Coronel Francisco Amaro, 49 – Centro – Santo André – São Paulo.

Entrada grátis

Preço da Revista: R\$ 30

Aceitam cartões de crédito e débito

Mais informações acesse a página do evento: <http://migre.me/wLt44>

ALINHAVANDO PONTOS DA MEMÓRIA ANDREENSE



INÍCIO	O PROJETO	AÇÃO EDUCATIVA	EXPOSIÇÃO Tramas do Trabalho, fios da memória	ESPETÁCULO Ponto Segredo. Primeiros Fios	
PALESTRAS "TRAMAS DE IDEIAS"	REGISTROS E REFLEXÕES	FOTOGRAFIAS	ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS	ATELIÊ DE MEMÓRIAS E FICÇÃO	AGENDA
IMPRESA	MATERIAL DE DIVULGAÇÃO	CONTATO PRODUÇÃO			

ATELIÊ DE MEMÓRIAS E FICÇÃO

Ateliê Intensivo de Memórias e Ficção

Adélia Nicolete



O Ateliê Intensivo de Memórias e Ficção foi realizado graças a uma parceria entre o Museu de Santo André Dr. Octaviano A. Gaiarsa e o grupo Pontos de Fiandeiras visando, entre outros objetivos, à difusão do acervo museológico e à criação de textos memorialísticos.

A pauta principal do grupo é a tradição oral e a memória social da região do ABC paulista. Nesse segundo aspecto, o espetáculo "Ponto segredo. Primeiros fios" foi tecido com depoimentos, entrevistas e pesquisas históricas tratados dramaturgicamente. Daí que, na associação com o Museu graças ao Proac, surgiu o desejo de ampliar a ação artístico-cultural - já presente com o espetáculo, a exposição temática com visitas guiadas, o blog, as palestras e os debates - para pessoas interessadas na criação escrita.

O projeto consistiu em oito encontros com duas horas de duração cada um, divididos em dois módulos. No primeiro, dedicado ao tratamento literário da memória, foram trabalhadas técnicas de estímulo à recordação, o que resultou em textos que diziam respeito à infância, a pessoas conhecidas, a episódios memoráveis, bem como ao processo de constituição do eu, sob a forma de autorretrato.

O segundo módulo, dedicado à ficção, tomou como base materiais do acervo do Museu e da Livraria Alpharrábio, sediada em Santo André. Os textos resultantes foram inspirados em um sinaleiro de ferrovia, fotografias e objetos diversos tais como cartas, bilhetes, marcadores de página, anotações

escolares, etc. Tais elementos, pertencentes a outras pessoas, guardam uma memória particular e, grande parte das vezes, desconhecida. O trabalho dos participantes, nesses casos, foi criar um texto memorialístico ficcional para cada um deles.

Abaixo, alguns escritos resultantes do processo, criados pelas seis participantes. Foram elaborados em sala, compartilhados e analisados pelo grupo, o que resultou na segunda versão aqui publicada.

Dedicação - Camila Shunyata

Ainda criança saboreou livros.

O tempo seguiu com as palavras.

Colheu das lembranças da escola o incentivo:

“Porque não escreve?!”

Semeou as ideias nas folhas de um caderno:

300 exemplares.

As letras vestidas de nanquim compunham a dedicatória:

“Obrigado, professora, por me ensinar a cultivar histórias”.

O cheiro da rosa - Camila Shunyata

Nas férias de fim de ano, em minha meninice, observava minha avó Tita se preparar para me levar, com os outros quatro netos para um passeio no centro da cidade de Presidente Prudente.

Costumávamos ir à praça do centro dar farelo de pão aos pombos.

Vó Tita, caprichosa costureira, estava sempre aseada, vestida com simplicidade e beleza. E usava uma loção chamada “Leite de Rosa” ou “Cheiro de Vó”, como passei a chamá-la. Para mim este nome fazia todo o sentido, minha avó era a mais bela flor do jardim de sua casa.

No passeio, conforme iam caminhando pelas ruas, o vento fazia com que o cheirinho de rosa perfumasse a cidade inteirinha! Como era gostoso...

Ela andava mais à frente e nós, como patinhos a segui-la. Ela parava para atravessarmos a rua e, sem que precisasse falar, seguíamos os seus sinais.

Levávamos sempre um lanche da tarde e sacolas para recolhemos o lixo. E quando retornávamos a nossa brincadeira era ir recolhendo os poucos lixos que víamos pelo caminho.

Ao chegarmos em casa, combinávamos a ordem do banho das crianças e, sem que pudéssemos perceber, minha avó fazia uma gostosa refeição aparecer como mágica em cima da mesa. Quanto trabalho ela tinha, penso hoje. Vovó nunca parecia estar cansada, todos os seus dias eram primavera. Flor querida da minha infância.

Escuro estou agora...

Izabel Bueno

Sou clarão. Sou aurora no negrume da noite.

Sou feito de ferro, como a estrada que ilumino. Minha tarefa é colorir de luzes a chegada do trem e o desembarque das pessoas que vêm para seu lar na última viagem do dia. Sou rude, mas dentro de mim há uma chama que acende a alegria de cada pessoa que chega à vila e vê mais que o nevoeiro e a escuridão que trespasso.

Todas as noites, quando ouço ao longe o primeiro apito do maquinista, já fico alerta. O vigia vai me levar para exercer minha função. Sou a luz. Sou os olhos brilhantes dos que chegam.

Pela via, andávamos, eu e o vigia, até a estação. Eu iluminava o caminho escuro. Íamos tranquilos, sentindo a névoa e o silêncio cotidiano. Mas um estrondoso ruído rompeu a quietude.

Uma freada brusca.

Saimos correndo. Gritaria. Desespero. Minha luz fraquejava. Corríamos mais e mais, arfando. Sou clarão, não posso esmorecer. Devo iluminar a vila, a vida...

Nos trilhos... Caída. Imóvel. Sem brilho. Ofuscada pelo vermelho escorrendo.

O trem, cabisbaixo, trazia grudado em si a boina branca, único vestígio de luz que restou de alguém que apagou sua angústia na linha férrea.

Sou brilho, clarão, luminescência. Resplandeço nas trevas para os que chegam. Mas não consigo acender a chama daqueles que querem partir. Eles já não querem brilhar. Escuro estou agora.

Professor Ferreira - Izabel Bueno

Ele era tão alto e eu tão pequenina.

Quando entrava na sala com seu avental branco, eu subia no pé de feijão e entrava na terra do gigante.

Cercado por ferozes números irracionais, ele assustava estrelas e versinhos que se escondiam, amedrontados, bem lá no fundo do meu olhar-menina.

O tambor de sua voz balançava lápis, cadernos e carteiras.

- Hoje é correção dos exercícios! Midori, pra lousa!

Todos tremiam e temiam.

“Espero que ele esqueça meu sobrenome... Espero que ele esqueça meu sobrenome...”, era a oração intensa e fervorosa de cada um.

O gigante tinha a fome numérica em suas entranhas. Mas só desejava números perfeitos. Se alguém errasse... Ai, que tristeza! Ele se calava, lançava ao aluno um olhar severo, e sua cicatriz do lado direito da face, abaixo do olho, adquiria contornos de leão. Anotava algo no caderno e dizia:

- Pode sentar!

E chamava o próximo.

- Bueno, pra lousa!

Eu me levantava, frágil e lenta, com o fardo infinito de poesia nos ombros, e pensava: “Por que será que ele sempre lembra meu nome?!”.

A Mudança - Miriam Dias

Anos e anos esperando por aquele momento, parecia que nunca ia chegar.

Foi uma decisão familiar, todos estavam de acordo, menos minha mãe, tão apegada à casa, às filhas... Mas eu não. Meu coração esperava por aquele momento.

Casa vendida e cada uma foi para seu canto. Minha irmã para seu apartamento com seu filho, minha mãe para o interior de São Paulo com meu pai e eu com meu gato para uma casa com quintal.

Duas mudanças em um só caminhão. Minha mudança foi a primeira a ser descarregada e meus pais seguiram viagem.

Na despedida, minha mãe disse: “Você não vem?”.

Respondi: “Não, mãe, essa casa é a minha casa”.

Despedi-me dos meus pais. Fechei a porta. Meu gato estava escondido, assustado com o novo. Olhei para os móveis, para as caixas, e disse com a maior alegria: “Esta é minha casa”. Estava tão cansada que deitei e adormeci.

Minha força - Roberta Marcolin Garcia

Eu sinto essa força que pulsa, como tambor tocado por mãos de guerreira, no centro de mim, abaixo do meu umbigo, acima do meu sexo de mulher, é força antiga. E...
 Eu enxergo agora diferente. E...
 ...
 Silêncio para olhar quem venho sendo.
 Eu hoje entendo porque desde menina tanto me agradava cuidar. Cuidar da boneca como se fosse gente. Já moça feita, cuidar dos irmãos como se fossem crias. Cuidar da minha mãe como se fosse filha. E...
 Eu hoje sinto: a felicidade do cuidar é que me faz Fértil e Mulher.
 Cuidar tem se revelado para mim como algo simples de tão... Sagrado. Como regar uma pequena planta do meu jardim é cuidar para que o mundo floresça a cada dia.

Gancho Cruel - Roberta Marcolin Garcia

Noite alta se fazia. Do barulho? Reinava só o silêncio.
 Estava eu pendurado no... Melhor dizendo, guardado. Dizendo verdade: esquecido. Ganhando ferrugem em cada dia de frio e neblina. Minha sina: iluminar. De ferro feito. Pesado demais para mão de mulher, de criança ou de velho.
 Estava eu pendurado no... Melhor dizendo, jogado. Dizendo verdade: apagado. Há dias e dias algo não funcionava bem na minha engrenagem. Mas, eis que de repente, ouço barulhos por perto. Alguém diz "Pega o que tá lá dentro e venha logo." Minha sina, mais uma vez, se instaura. O calor do fogo me ilumina, me invade. Ilumino o chão de terra batida, o caminho estreito com tanto mato rebelde dos lados. Ilumino as pedras perigosas e a porta da casa de máquinas, severa.
 O que será que destruiu o silêncio?
 Ora, veja. Um cão faminto com resto de comida na boca.
 O caminho de volta.
 O que me aguarda?
 O... Gancho Cruel na parede gelada e o silêncio.

Ficou de nadar - Rosenaye Mello

Quando pequenina, Nina tinha um enooooorme sonho: um dia conhecer o Mar.
 Menina roceira, de ligeireza vapt-vupt-viva, sempre tinha o "costumi" de correr até a casa de Dona Fulô pra "pidir" livros de historinhas...
 Os livros com figuras desenhadas eram os que ela mais amava!
 E quando tinha então relação com o Mar... -vixi maria bonita-, ela se eesbaaanjaaaaaaava de alegria e mergulhava -tibum-; pra dentro-glub-; das-glub-glub; funduras -glub- glub-glub-; de sua imaginura...
 Nessa fundura imaginada, essa que é a pequenina Nina danada já aprendia em meio àquela região de roça e mata a encher com novos ares seu balão-pulmão.
 Imaginava sem parar qual seria o cheiro daquele lugar com aquela água toda por cima de um tantão de areia ajuntada (como o livro já desenhava) "mais qui num tanto": sem "matu", sem os "bichu", as "prantação", terra "firme di pisar"... Pensava caladinha.
 - Num pode ser o mermo cheirinho das bandas roceiras de cá?!
 E olhem só, toda vez que se via chegando até lá, Nina pequenina sentia um estranho salivar que inundava nuuumhhh... inspirar, toda sua boca.
 Ria suzinha...de graça... boca pequenina pra mundaréu d'água.
 Dia desses, Dona Fulô, antes de lhe mostrar nova navegação de jangada com livros que chegavam já nas beiras daquele rio - donde e como? sabe-se lá sô!-, botô então a pequenina pra fechar os olhinhos, deu a ela um cadinho de claras pedrinhas na palma de sua mão e murmurou:
 - Prova! Mais só um cadim... vem de lá das larguras di fundo: é sar marinho!
 Nina???

Ah... essa menina, de sonho feito ficô! Pôs os pedacinhos do mar em sua boca e logo o forte sabor pro mar a levô.
 Aquela estranheza que antes só vinda das imaginura da pequena aconteceu com novo instante...
 Boca encheu-se d'água como dantes, mas dessa vez água "di mar" pra Nina pequenina tão doce ficou de nadar...

Espaço em branco - Rosenaye Mello

Digo sempre, por entre essas linhas...
 Sob essa farta brancura de folhas, onde mão minha baila a ruflar apoio na pena bico de tinta.
 Estes todos voam junto a mim com serena grafia viva para marcar cada página de vida.
 Guardada entre essas duas amadeiradas capas duras de sonoridade preenchida (não oca!) de aroma campestre, venho a molhar em pleno dia de sol com esta tinta... folhas.
 Estas que já nasceram secas, mas alinhavadas.
 Dia bonito pra foto marcada.
 As flores já estão aqui na casa.
 Já o vestido, quando eu o vi: - Meu Deus!
 Senti que este sim é um bom presente!!!
 Tanto espaço em branco e tão mais macio que minhas secas-folhas.
 Não vejo a hora de adentrá-lo para iniciarmos nossas grafias.
 Quero, lá na frente de um outro tempo, olhar a revelação da imagem e ler a impressão não só da prosa de cada dia ... mas:
 Sim: toda a poesia... este rio sinuoso em canto de boca.
 Sim! Quero ver, será que nossos olhos já descascados das tolas triviais banalidades serão mesmo intérpretes do coração?

Fotografia - Vivian Darini

Eram cinco irmãos, no princípio, quando se podia sentir o cheiro do éter.
 Um trajava-se com clareza, abrindo espaços sem medo; o outro se vestia de cautelosa sobriedade, sem tanta luz: pés no chão. Entre eles meu pai, nem preto nem branco, aquele que daria ao público o necessário equilíbrio para inspirar confiança, e meus tios mais novos: mesclados, divididos, enfadados, aquela luz do meio dia sobre o toldo vermelho, que daria uma ótima vela para o meu barco. Naquele espaço de homens, onde o degrau era mais baixo, não foram chamadas as mulheres: mãe, avó e irmã que ficaram atrás das paredes segurando o telhado, quando de algum modo compreendi meu destino anunciado sem demolição, apenas com tinta nova.

Tuychá - Vivian Darini

Era assim, eu e ele, nessa ordem. Eu tinha mãe, ele madrasta. Eu branca, ele negro, um mais sujo que o outro, pés descalços. Éramos os mais velhos da turma, ele com vantagem de exatos quatro meses, eu com a vantagem de mais irmãos. Ele sempre dizia que o nome do amor da sua vida era o meu e eu nunca pensei que seu amor fosse meu. Na memória, a gema cheia de sal pela disputa de quem poderia suportar mais - rimos, sem suportar, cúmplices na

trégua e na derrota que veio de fora: agora vocês vão comer esses ovos até o fim. Éramos assim, eu, ele, gema amarela feito sol. Veio a mudança, do caminhão via meu amigo ficando para trás... queria que ele parasse de chorar. Nunca entendi seu nome, já nem preciso, é como riso de criança, sem rumo, rio.

Quantas histórias pode inspirar essa imagem de Débora Bolzan? Ela foi clicada no acervo do [Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa](#).

ATELIÊ DE MEMÓRIAS E FICÇÃO

coordenação: Adélia Nicolete.

informações sobre datas, horários e programa - enviar e-mail com o assunto "Ateliê de memórias" para museu@santoandre.sp.gov.br ou adelianicolete@uol.com.br



2 comentários:

Adélia Nicolete 6 de outubro de 2014 08:57

Minhas queridas meninas escrevedoras!

Quanta emoção ao ler seus escritos, nascidos de memórias tão preciosas, de observação atenta do mundo e também do colocar-se no lugar do outro, ainda que esse outro seja um objeto.

Muito obrigada pelos oito encontros que tivemos no Museu e no Alpharrabio. O Ateliê tem dessas coisas: tão importante quanto o encontrar a escrita é o encontrar-se e o encontrarmos-nos.

Um abraço demorado em cada uma de vocês.

[Responder](#)

PONTOS DE FIANDEIRAS 6 de outubro de 2014 18:49

Coisa boa e ampla senti ao ler e reler os textos gerados e nascidos em nosso querido Ateliê. Sou grata a cada escrevedora que compartilhou seus cristais-palavras-imagens. Em minha memória, já que é disso que falamos, ficará sensação boa de tardes agradáveis e desafiadoras lá no Museu de Santo André e também na Livraria Alpharrabio. Gratidão especial para nossa querida Adélia que nos mostrou possibilidades diferentes de nos encorajarmos a escrever, nos desafiarmos a deixar pintar o papel com palavras-pedaços-de-nós. Namastê. Roberta Marcolin Garcia.

[Responder](#)

Digite seu comentário...

Comentar como: ▼

[Publicar](#)

[Visualizar](#)

[Página inicial](#)

Assinar: [Postagens \(Atom\)](#)

- [Santo André](#)
- ->
- [Cultura](#)

Data: 05/04/2016 17:06 / Autor: Redação / Fonte: Estranho Atratores

Editora inaugura bar e lança revista MORTAL em Santo André

No aniversário de Santo André, 8 de abril, a editora Estranhos Atratores abre o Bar Mortal, na região do ABC paulista e faz o lançamento da nova revista MORTAL



A revista MORTAL chega à quarta edição com a colaboração de 32 pessoas nos textos e conteúdo contestador. Nesta edição, a MORTAL traz temas da contracultura, poesia libertária e debate a conjuntura política nacional. A publicação pretende bancar os custos de impressão com a venda das cópias e tem 80 páginas, com tiragem de 500 exemplares à venda por R\$20 a unidade.

A revista é editada por **Izabel Bueno** e Jairo Costa desde 2010 e neste número conta com os colaboradores Ana Célia Cruz, Flávio Urra, Hélio Neri, Ana Mesquita, André Okuma, Izabel Bueno, Claudio Cox, Rodrigo Tamassia, Felipe de Amorim, Ricardo Escudeiro, Rauda Graco, Punk Canibal, Wagner Ikeda, Erik Sama, Darcy Ribeiro, Jean Costa, Marcello Vitorino, Fábio Muller, Felipe Bigliase Domingues, Luiza Branco, Mariângela Carvalho, Fábio Donaire, Celina Lerner, Marpessa de Castro, Emmanuel Burzum, Raquel Quintino, Lucas Bronzatto, Manoel Bueno, Ubiratan do Brasil, Ana Moraes, Dáblío C. Ignóbil e Livro Ata.

Para o lançamento da revista, outra ideia foi colocada em prática: o Bar Mortal, espaço cultural da Estranho Atratores, que funcionará aos finais de semana com programação de

shows, artistas plásticos, galerias, peças de teatro, intervenções e rodas de conversa. O novo ponto de encontro dos andreenses foi pensado para reunir interessados em artes, experimentações e oferecer uma outra opção de entretenimento para o público local.

Na semana de estreia, shows com as bandas autorais Sentimento Carpete, Daniel Cammatta e Copo Largo (sexta) e Krias de Kafka (sábado) são as atrações musicais, além da peça teatral “O teatro político vai ao show de rock”, também no sábado. O Bar Mortal quer ajudar no fomento da cultura alternativa local e abre espaço para propostas diversas.

A agenda dos eventos deve se estender por todo o ano e está aberta a sugestões.

SERVIÇO:

Lançamento da Revista Mortal

8 e 9 de abril

Bar Mortal

Rua Coronel Francisco Amaro, 49 - Santo André (SP)

Das 10h às 22h

Grátis

PROGRAMAÇÃO:

Sábado, 8/5

Shows: Sentimento Carpete às 20h | Daniel Cammatta e Copo Largo às 21h

Domingo, 9/5

Peça: “O teatro político vai ao show de rock” com Núcleo Zona Autônoma às 17h | Show:

Krias de Kafka às 20h

SOBRE A REVISTA:

A revista MORTAL é uma publicação independente, sem fins lucrativos, produzida de forma coletiva que se propõe a debater arte e cultura nas suas mais diferenciadas expressões.

Teatro, Literatura, Música, Cinema, Artes plásticas, Poesia, Dança, Fotografia, Cinema, HQ estão em sua pauta. MORTAL também se destina a promover o debate político de forma apartidária, visando ampliar o foco das discussões sobre nossa sociedade.

É um periódico de vanguarda, que habita o mundo das publicações alternativas e que conta com grande apoio e entusiasmo de seus leitores. Uma das principais características da revista é fornecer espaço em suas páginas para produtores culturais e artistas que não encontram em outras publicações lugar para expor suas ideias e trabalhos de forma livre. Em suas páginas, a revista MORTAL já publicou o trabalho de escritores, ilustradores, hackers, músicos, poetas, fotógrafos, filósofos, cineastas, antropólogos e toda uma gama de pensadores independentes como Mário Bortolotto (dramaturgo), Allan Sieber (cartunista), tabor Moricz (Escritor), André Czarnobai – Cardoso (escritor), William Burroughs (escritor), Flávio Grão (artista Plástico), Colin Wilson, Juscelino Neco (cartunista), dentre outros artistas brasileiros. A revista MORTAL publica entrevistas, reportagens investigativas, resenhas, contos, perfis e material iconográfico ligado a ilustração, quadrinhos, charges, fotografias etc.

SOBRE A EDITORA ESTRANHOS ATRADORES:

Fundada em (2013) por Jairo Costa e Izabel Bueno, a Estranhos Atradores se propõe a publicar obras de cunho alternativo, ligadas à contracultura.

Estão nos planos da editora Estranhos Atradores publicar quadrinhos underground, material político com ênfase em movimentos sociais autonomistas, ficção científica e alternativa, ufologia, material ligado a teorias da conspiração, hacktivismo, criptozoologia e mitologia, dentre inúmeras outras temáticas que desafiam convenções, costumes, preconceitos e realidades.

O primeiro lançamento da Editora é a revista MORTAL, publicação de mídia livre identificada com a contracultura. Em seu catálogo a editora conta também com o livro “Paranapiacaba, lendas e mitos” do escritor Jairo Costa e em breve lançará o livro de fotografias de Camila Visentainer e o livro de contos de ficção-científica de Fábio Muller.

Visão



Anestesia geral.
Nenhum músculo se contrai,
nenhuma célula em movimento.
Na face, um ar abobado:
denúncia do que, em vão,
a alma oculta.
Está estampado em seu silêncio
feito tatuagem.
Está marcado em seus olhos
feito purpurina.
Não adianta fugir da sina.
O amor é ferrugem.
— Corrói seu coração de ferro.
O amor é toxina.
— Paralisa seu organismo
e permite apenas uma função:
a do olhar.
Os olhos são nascentes de ferrugem.

Izabel Bueno



a cigarra

revista a cigarra
ano 23 - nº 40
novembro 2005
R\$ 7,00